

O QUE É PORNOGRAFIA

Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1984.

Eliane R. Moraes e Sandra M. Lapeiz

Na visão de Eliane Moraes e Sandra Lapeiz, a pornografia comporta-se como certos ministros: não é, mas está. Ou seja, é impossível defini-la em si e por si, mas não resta a menor dúvida de que ela está em toda a parte. Há quem diga mesmo que ela está cada vez mais presente, invadindo os lares e a sociedade (agora mesmo, enquanto escrevo, um anúncio de chuveiro acaba de por uma mulher nua na minha sala). Outros já argumentam que é justamente essa maior presença que a invalida enquanto pornografia, pois é próprio do pornográfico infringir as normas e causar escândalo. Há vinte anos atrás, um seio exposto na banca de jornal era sacanagem pura. Hoje, a surpresa seria uma banca sem seios. Certas palavras, que na minha infância eram transgressão grosseira, hoje chegam a freqüentar as páginas de alguns jornais e revistas de grande circulação.

Enfim, trata-se do óbvio ululante, como diria o grande moralista pornô Nelson Rodrigues: o pornográfico ou obsceno varia no tempo e no espaço, definindo-se sempre de maneira negativa, como aquilo que transgride a moral vigente. Essa relatividade está consagrada na definição do dicionário: obsceno é o que fere o pudor; pudor é o sentimento de vergonha gerado pelo que pode ferir a decência. Um não existe sem o outro.

Eliane e Sandra dão vários exemplos famosos dessa variação do pornográfico: *Madame Bovary*, *As flores do mal*, *Ulisses*, todos foram a seu tempo condenados como atentatórios à moral. Hoje são leituras escolares.

Mas, mais do que variar ao longo da história, o sentimento do obsceno varia de pessoa para pessoa. Como dizem as autoras, "a pornografia é sempre evocada para qualificar os outros, e nunca a gente". Ou, na citação que fazem de Robbe-Grillet, "a pornografia é o erotismo dos outros".

Por falar nisso — e já que se trata de uma resenha — é bom dizer que é por essa dúvida inevitável que o livrinho começa: pornografia ou erotismo? Sabidamente, as autoras não compram a briga, pois diferenciar essas duas coisas é tarefa difícil, senão impossível. Ou se assume totalmente a subjetividade da definição de Robbe-Grillet, ou procura-se estabelecer critérios que acabarão sempre dependendo da subjetividade de quem os formula, ou, o que é pior, em classificações de cunho moralista.

O livro prossegue com o inevitável passeio pela pornografia ao longo da história, especialmente da literatura. Evidentemente, o primeiro livro pornô que citam é o *Antigo Testamento* e suas histórias de prostitutas. Afinal, pornografia, no grego original, significa "escritos sobre prostitutas". Seguem-se os próprios gregos, com Aristófanes, o deus Príapo e o elogio da homossexualidade de *O Banquete*, e os romanos, da arte amorosa de Ovídio ao *Satiricon* de Petronio. Em rápido

panorama, as autoras chegam à avalanche pornô de nossos dias, produzida em ritmo industrial, onde acontece uma "verdadeira dispersão da pornografia", tanto como difusão quanto como diluição.

A produção nacional ganhou capítulo a parte. Como patrono da academia brasileira da sacanagem figura o querido Pero Vaz de Caminha que, entre tantas belezas entrevistadas na Terra de Santa Cruz, deslumbrou-se especialmente com as vergonhas "tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras" de nossas avós indígenas. Infelizmente, as autoras pulam logo para o século XX, deixando de abordar nossos clássicos do gênero, como Gregório de Matos e Bernardo Guimarães. Aliás, está na hora de alguém se debruçar sobre nosso passado literário e recuperar para o presente as obras pornográficas de gente como Olavo Bilac, Artur Azevedo e outros escritores sérios. As autoras também perderam a oportunidade de falar de Carlos Zéfiro, autor das ilustrações do livro e um clássico do desenho pornô nacional.

Cinema, teatro de revista, música popular, propaganda, revistas masculinas, graffiti e subliteratura, tudo passa por esse capítulo "abaixo do Equador". E como em certas áreas a pornografia avança rapidamente, o livro, de 1984, já está um pouco desatualizado. A pornochanchada, por exemplo, já foi inteiramente substituída pelo "sexo explícito". Na tevê, as cenas de sexo dos "pornôs de luxo" nacionais (*Dona Flor*, *Bete Balanço*) já são admitidas. E assim por diante.

Penso que o interesse do trabalho de Eliane e Sandra está menos nessas excursões ao passado e à realidade obscena nacional do que nas reflexões que fazem no miolo do texto sobre a imaginação pornográfica. Faço um resumo do argumento.

A pornografia é um produto que está no mercado e tenta atrair fregueses. Mas quem a consome não o faz como quem compra um sabonete — ou os serviços de um(a) profissional do ramo — pois está em busca de algo que vai acionar sua fantasia erótica. Esse comércio se dá dentro de um universo proibido — o do sexo — justamente para violar a proibição. Cito: "A prática do proibido só é possível na forma da transgressão e é isso que alimenta e impulsiona a nossa vida sexual." E mais "A transgressão é um saber que só se adquire plenamente na prática. A revelação do proibido, e conseqüentemente do prazer, só se dá nos domínios dos mistérios, dos segredos, e a atividade erótica consiste nesse desvendar, nessa desmontagem que coloca em risco os limites entre a Natureza e a Cultura".

Vê-se bem que para as autoras, o sexo está do lado da Natureza e é a Cultura que vai criar os mecanismos de proibição e transgressão. Não entendo do assunto, mas

suspeito que muitos antropólogos ficarão insatisfeitos com esse esquema freudiano. Pergunto-me apenas se é possível falar em sexo como algo animal e natural em se tratando do *homo sapiens* — a não ser como limite ou horizonte.

Se “o desejo do erotismo é o desejo que triunfa da proibição”, como quer George Bataille, para Eliane e Sandra, a pornografia pode ser pensada como um *trailler* que anuncia o erotismo: “Uma caricatura da verdade inexorável do erotismo: o êxtase, a vertigem, o excesso”. E avançam mais: uma vez que o erotismo provoca um afrouxamento das linhas que separam a cultura humana da Natureza, “a pornografia talvez exista para ordenar essa desordem, para restaurar a ordem cultural como uma forma de transgressão organizada”. Deste ponto de vista, a pornografia serviria, a sua maneira, para preservar a ordem, sempre ameaçada pelos desbordamentos do erótico. É a mesma linha de raciocínio que faz Havelock Ellis compreensivelmente afirmar que “os adultos têm necessidade de uma literatura obscena tanto quanto as crianças necessitam de histórias de fadas, para aliviar a força opressiva das convenções”¹. Logo, para que as convenções continuem vigentes e não sejam ameaçadas.

Mas por aqui as coisas são mais complicadas, pois, como dizem as autoras, a pornografia promove uma exacerbação da sexualidade e pode ser uma celebração do prazer que “representaria um potencial de rebelião fantástico-erótica que se revelaria na forma de um insulto, de uma blasfêmia desprovida de consciência sobre os mecanismos reais da sociedade”. Ao cotucar com vara curta os domínios do erótico, a pornografia seria uma porta para aquela percepção diferente da realidade provocada justamente pela excitação sexual.

Na verdade, Eliane e Sandra preferem uma solução de compromisso e terminam o capítulo com o paradoxo: “Se a pornografia é uma das formas organizadas de transgressão, ela ultrapassa sua própria ordenação ao enunciar algo que lhe escapa: o erotismo”. Subrepticamente surge a diferenciação entre pornografia e erotismo que fora abandonada no início do livro. Prefiro acreditar

que erotismo aqui seja, não a escrita, mas a prática, pois é essa que está sempre além do conceito e da definição. Sem esquecer aqueles casos em que a pornografia é parte do próprio exercício do erótico, como mostram as cartas de James Joyce a Nora Barnacle: como estavam separados, escreviam sacanagens um para o outro, “copulando” epistolariamente.²

E aqui entro no último ponto que queria tocar deste livrinho interessante: a pornografia como diversão. As autoras retratam muito bem o beco em que nos metemos: “Grande parte da diversão nos dias de hoje nos remete à satisfação solitária, contida, onde ser herói de uma aventura imaginária, seja num *game* ou fazendo amor, está circunscrito a modelos e regras impostas pela máquina cultural”. É verdade. E o pior é que a indústria cultural vai se apropriando do território do erótico e tornando tudo “normal”. Fica cada vez mais difícil ter aquele prazer furtivo que faz as delícias do proibido. Já nem falo da excitação sexual, fornecida tediosamente em série por filmes, vídeos e revistas, mas do prazer da risada diante de uma sacanagem que ponha em xeque os valores vigentes.

Pedro Maia Soares

P.S. Não mencionei na resenha um aspecto óbvio da pornografia: que seus produtores e consumidores são principalmente do sexo masculino. A questão de uma pornografia especificamente feminina está em aberto, tal como a da famosa especificidade da literatura feminina.

¹ Citado por Boris Vian. In: *Escritos pornográficos*. Brasília, 1985.

² Joyce, James. *Cartas a Nora Barnacle*. Massao Onno/Roswitha, Kemplf, 1982.

